

Jornal das Senhoras – Tomo V. – 4 de junho de 1854 – Edição 23

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00023.pdf

3º ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 4 DE JUNHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

AS MINHAS AVENTURAS NA PERSIA.

§ I. — A RAZÃO POR QUE VIAJEI.

Meu pai, honrado especieiro de Londres, a quem 25 annos de trabalho e privações de toda a casta fizeram enriquecer, resolveu retirar-se do commercio, e quando menos o esperávamos, vendeu a sua loja, realisou a sua fortuna e principiou a viver vida folgada.

Nunca me esquecerei da maneira na verdade singular com que elle nos annunciou essa mudança total na nossa existência.

Tinha eu então 19 annos, 10 dos quaes passára no escriptorio de meu pai, sem ter a menor idéa da immensa fortuna que elle possuía. Julgue-se, pois, qual seria a minha surpresa quando, uma manhã, mandando-me elle entrar no seu gabinete, onde já se achava minha mãe e minha irmã, nos dirigiu o seguinte discurso:

— Meus filhos, acabo de vender a nossa casa de commercio e de comprar uma casa de campo, distante três milhas da cidade. Jenny, tu amas um moço bem parecido e pobre; comprei-lhe uma patente nas guardas reaes, e dou-lhe a tua mão com um dote de seis mil libras esterlinas. Amanhã, pois, casarás tu com o capitão Lummel.

Tu, meu filho, deves viajar para te instruires, e partirás, portanto, para o continente logo que se effectue o casamento de tua irmã. Eis uma carteira que contém duas mil libras em notas

do banco: quando desta somma te restar sómente a quantia necessária para pagares a passagem, volta para a tua pátria.

E nós, minha mulher, entremos na bella carroagem que nos espera. Coche, cocheiro, lacaios e cavallos tudo nos pertence. Vamos celebrar o noivado de Jenny na casa de campo que comprei.

Partamos!

Minha mãe, minha irmã e eu, julgámos por um momento que meu pai tinha perdido a razão, ou que sonhávamos. Mas logo que entregou a minha irmã o dote, e a mim o dinheiro para a viagem, desvane-cêrão-se todas as duvidas, e alegres partimos para a casa de campo.

Effectuado o casamento, tratei da minha viagem e decidi-me a começar pela Allemanha. Justei a passagem com um capitão allemão que partia para.... e, dizendo adeus á minha família, dirigi-me para o cáes.

Ahi me esperavão com impaciência alguns marujos estrangeiros. — Sois Mr. John Brown? perguntou-me um delles em máo inglez. — Para vos servir, respondi eu. — Partamos, disse o marinheiro, o capitão só por vós espera.

E eis-me a bordo do navio.

§ II. — ONDE ME LEVARÃO.

Além do enjôo que me causava horriveis tormentos,

tudo a bordo me entojava e aborrecia, porque ninguem fallava inglez, á excepção dos dous marujos que me levirão para o navio, e Deus sabe o que era esse inglez barbaro que elles fallavão, e que eu bem poucas vezes entendia. Mas ainda que os eu podesse perceber, pouco agradável me seria a sua companhia, pois êrão todos bebados e asselvajados. Tomei o partido de viver retirado na camara, e de frequentar a equipagem o menos que me fosse possível.

Comtudo a viagem prolongava-se, prolongava-se, prolongava-se, sem que eu visse chegar a Allemanha



e o porto de.... Tinha-se-me dito que poderia gastar, quando muito, trinta dias, e havia já dous mezes que estavam no mar.... Protestar contra esta falta de exactidão teria sido inutil; tomei portanto o partido da resignação, que de pouco me serviria brigar com estes rusticos.

Finalmente, depois de uma viagem mui longa, avistámos terra, e veio a bordo um piloto. Julgar da minha admiração, quando este homem, ouvindo-me fallar inglez com um dos marinheiros, chegou-se a mim, deu-me a mão, e disse-me em inglez mui puro:

— Meu querido compatriota, dou-vos o parabem pela vossa feliz chegada á Persia.

— A' Persia! exclamei eu, á Persia! Pois estou na Persia? Julgava estar na Allemanha. E furioso, corri a queixar-me ao capitão!. O piloto seguiu-me, e, servindo de interprete, explicou-lhe em allemão as palavras acres que eu soltava.

O capitão pegou na carteira, e mostrou-me o inscripto como passageiro — *Mr. John Brown, negociante de sedas*. Graças á minha precipitação, tinha tomado o lugar de um pseudonymo. Resignei-me á minha desgraça, e decidi-me, já que o acaso assim o queria, a visitar a Persia.

§ III. — A HOSPITALIDADE.

Fui para a casa do piloto onde aluguei um quarto para morar por algum tempo; mas, apenas ali cheguei, veio procurar-me um homem de aspecto respeitavel e vestido á persiana, para me offerecer agasalho em sua casa. Era neto de um Inglez que se estabelecera na Persia, e que se chamava Kahui, por ter mudado o seu nome inglez por um nome do paiz em que habitava.

Acceitei a sua offerta e acompanhei-o para casa. Esta casa estava cercada de muros mui altos que lhe occultavão inteiramente a fachada, e era situada no fundo de uma grande área que a separava da rua.

Entrámos por portas mui pequenas que se assemelhavão a postigos de cadéas. Como são estas as únicas aberturas que se apresentam á vista, não sabe o estrangeiro que pela primeira vez entra em uma cidade da Persia em que logar se acha, pois nem vê edificios nem fachadas, e só sim muros altos e sombrios.

A casa do meu hospede era de construcção elegante, e a distribuição dos aposentos pareceu-me muito regular. Compunha-se de muitos quartos e de uma sala no centro a que chamão *divan*. Esta sala, situada entre a área e o jardim, tinha uma janolla de cada lado que chegava do pavimento até o tecto, ornadas com festões e grinaldas de madeiras e com vidros de differentes cores. Como o vidro é um objecto mui raro, e dispendioso na Persia, só se encontra nas casas da gente rica; a classe ordinária contenta-se com papel oleado.

Os Persas são muito apaixonados da água, e poucas são as casas que não têm em frente das janellas grandes pias de mármore ou alabastro donde brotão jorros de água, cujo murmúrio lhes deleita os ouvidos quando se abandonão á contemplação. Um Persa póde ficar um dia

inteiro sentado de cocaras, junto a uma janella, olhando para a água, sem fazer o menor movimento.

A casa do meu hospede tinha, como já disse, differentes quartos construídos regularmente, a que dão o nome de *balakhana*. Na frente tinha aposentos lateraes contendo, de um lado, differentes quartos para os hospedes de classe medíocre e derviches, e do outro, estrebarias, armazéns para palha e cevada, e covis para os cães de caça.

Os harens erão construídos como os *divans*, porém muito mais vastos, e tinham casas lateraes para as cozinhas e banhos.

As salas principaes dos harens são destinadas ao dono da casa; porque é ahi que come e que quasi sempre dorme. E' tambem nessas salas que se reúnem todas as suas mulheres logo que elle alli entra.

Logo que acabei de jantar fui para meu quarto, e achei alli uma cama preparada á moda do paiz.

Os Persas dormem no chão; suas camas não são permanentes como as nossas, fazem-se todas as noites e levantão-se todas as manhãs. Em geral compõem-se de uma colcha de chita acolchoada, de um enorme travesseiro e de uma almofadinha.

§ IV. — OS BANHOS.

No dia seguinte levou-me o meu hospede aos banhos publicos.

O banho é aquillo de que os Persas mais gostão, é mesmo uma necessidade; porque só mudão de camisa uma vez por mez e dormem de calças. Além disso a sua religião prescreve-lhes o banho como um dever.

Os banhos persianos são mui differentes dos da Europa; compõem-se de vastos edificios subterraneos, cobertos de elegantes zimbórios, na parte superior dos quaes ha buracos mui grandes por onde entra a luz através de lâminas mui finas de alabastro.

As primeiras salas são de ordinário redondas e mui grandes, guarnecidas de bancadas e de nichos onde se despem os que vão banhar-se; no centro tem pias de mármore ou de alabastro com fontes de repuxo, para recreio dos frequentadores.

Na sala de banho é tal o calor que produz o vapor da água, que ás pessoas que a isso não estão habituadas se torna quasi insupportavel. O pavimento desta sala é de mármore branco, aquecido pela água com que continuamente se rega em abundância.

Terminado o banho, deita-se no chão o que se banhou, e vem logo dous barbeiros robustos collocar-lhe uma pequena almofada debaixo da cabeça. Pouco tempo se está nesta

situação sem se experimentar uma transpiração abundante. Logo que ella principia, começam os barbeiros a esfregar e a comprimir todas as partes do corpo, seguindo a direcção dos músculos, e sacodem depois os membros por movimentos de rotação que são bastante dolorosos, mas cujo resultado é excellente. Esta operação é um verdadeiro supplicio para aquelles que a ella se sujeitão pela primeira vez; mas facilmente se habituão a isso, e o bem real que d'ahi resulta me induz a crer que é o melhor médico do paiz: não ha remédio que dê ao corpo uma frescura tão salutar, e que melhor faça circular o sangue.

Emquanto estes dous homens esgotão as suas forças no corpo do paciente, occupa-se um outro em lançar-lhe continuamente água quente, desde os pés até a cabeça, o que contribue muito para dar flexibilidade aos membros, e diminuir as dores que acompanhão esta operação. Logo que termina, armão-se os barbeiros de luvas de crina, com as quaes esfregão o corpo em todos os sentidos. Por este meio tirão porções consideráveis de epiderme morta, sendo essa separação essencial á saúde, pois que dá livre curso á transpiração que essa cutícula devia obstruir. Os barbeiros persas são tão destros, que fazem sempre esta operação sem excoriar a pelle, e, de cada vez que correm a mão pelo corpo, tirão pedaços de epiderme do comprimento de um pé, que se enrola na luva como se fosse papel molhado.

Como é sempre nos banhos que os Persas tingem a barba e os cabellos, descreverei aqui a maneira

— 180 —

por que se isso faz. E' muito simples, e, longe de ter os funestos resultados das drogas que os charlatães de Londres e de Pariz vendem a peso de ouro, é pelo contrario de muita utilidade para o cabello, que faz crescer e engrossar.

Servem-se de um pó muito fino, proveniente da folha do anil depois de secca e pulverisada, que se deixa de infusão em água, até que torne a consistencia de uma massa liquida. Antes de fazerem uso desta preparação, lavão bem o cabelo e a barba com água de sabão, afim de tirarem todas as partes oleosas da transpiração, e depois lava-se a cabeça com água quente, para sahir o sabão e enxugar-se bem. Applica-se então a massa, de maneira que os cabellos fiquem bem impregnados e cobertos, e os barbeiros principião a operação que acima descrevi, a qual, durando sempre mais de hora e meia, dá tempo a que a tinta tome a necessária consistência. A massa que cobre a cabeça tira-se depois com um pente fino e água quente.

Quando se emprega pela primeira vez esta composição, é necessário quasi sempre repetir a operação dous dias a fio, durante os quaes os cabellos parecem esverdeados; mas

depois torna-se cor de azeviche. E' tal a força desta tinta, que basta renovar-a de dous em dous mezes, sobretudo se antes de fazer uso do pó de anil se tingem os cabellos com pó de *henné*, que, supposto dê em principio uma côr avermelhada ao cabello, dá ulteriormente ao pó do anil uma côr negra muito mais carregada.

Muitas pessoas tingem as mãos e os pés côr de ferrugem, por meio do *henné* pulverizado, que tem a propriedade que já descrevi acima.

§ V. — O JANTAR.

Houve um banquete em casa do meu hospede, para o qual fui convidado.

A sala do jantar era uma espécie de quadrilongo, em derredor do qual se sentavão todos no chão sobre tapetes de feltro, de tres pés de dimensão, e tres a quatro linhas de altura, de maneira que, reunida a sociedade, formava uma ferradura, em uma das extremidades da qual se collocava o dono da casa, d'onde via tudo o que se passava entre os convidados.

Os Persas sentão-se no chão sobre os calcanhares, e a maneira por que o fazem ao entrarem em uma sociedade é bastante singular.

Quando um delles entra em uma assembléa, por muito numerosa e distincta que seja, se tem o direito de sentar-se, vai logo para o logar que a sua graduação lhe marca; da porta da sala, onde deixa as chinelas, entra sem olhar para pessoa alguma, sem saudar, e sobretudo, sem proferir uma só palavra; chega ao seu logar, une os pés, arregaça o vestido ou túnica, deixa-se cahir sobre os joelhos, e senta-se depois sobre os calcanhares; e então sómente que levanta os olhos e que principia a occupar-se com a sociedade, levando a mão direita ao peito, e pronunciando ao mesmo tempo o *salam-alekoum* com a maior gravidade; faz depois profundas reverências com a cabeça, nas quaes o corpo não tem parte alguma. Todos correspondem á cortezia pela mesma maneira, ao que se responde por um *alekoum-salam* que conclue a cerimonia. O dono da casa recebe os convidados pelas palavras *koch-guialdy* (sêde bem-vindos).

A' hora do jantar, estende-se em volta da sala e em frente dos convidados toalhas mui grandes de fazenda pintada da Índia, e depois vem cinco ou seis criados com bilhas e jarros de cobre estanhado, cheias de água, com um pequeno ralo na boca. Todos os convidados aparáo água na mão direita, que enxugão depois com o lenço. Apresenta-se em seguida ao dono da casa, e depois a todos os convidados, de dous em dous, enormes pratos carregados de doces, biscoutos, massapães, confeitos e fructas; mas esta primeira coberta não tem muito gasto, e pouco tempo se demora na mesa.

Depois trazem os criados o pão que se compõe de enormes bolachas de dez pollegadas de largura e vinte de comprimento, e de duas a tres linhas de altura, a que os Persas chamão *kheurarjt*; servem sómente de pratos, onde se juntão os grãos de *pilau* que cáhem da mão quando se leva á boca. Vem depois a segunda coberta, em pratos que servem para duas pessoas, como acontece na primeira; esta coberta compõe-se de *pilau* e de bebidas. Quando todos os convidados estão servidos, dá o dono da casa o signal para começar o ataque, proferindo as palavras *Bism-Alhh* (com o auxilio de Deus). Os criados continuão a servir outros pratos, deixando para o fim os assados ou *kbábs*.

Para excitar o appetite, servem-se durante o jantar passas, pepinos, saramangos e mesmo sal, que todos os convidados tomão na ponta do dedo pollegar levemente humedecido com saliva.

Os Persas comem com a mão direita, e não conhecem o uso das colheres, garfos e facas; com a mão direita sómente trinchão com rapidez e bastante elegância todas as comidas; mas cumpre advertir que vem sempre para a mesa tão cozidas que cedem logo á primeira pressão dos dedos.

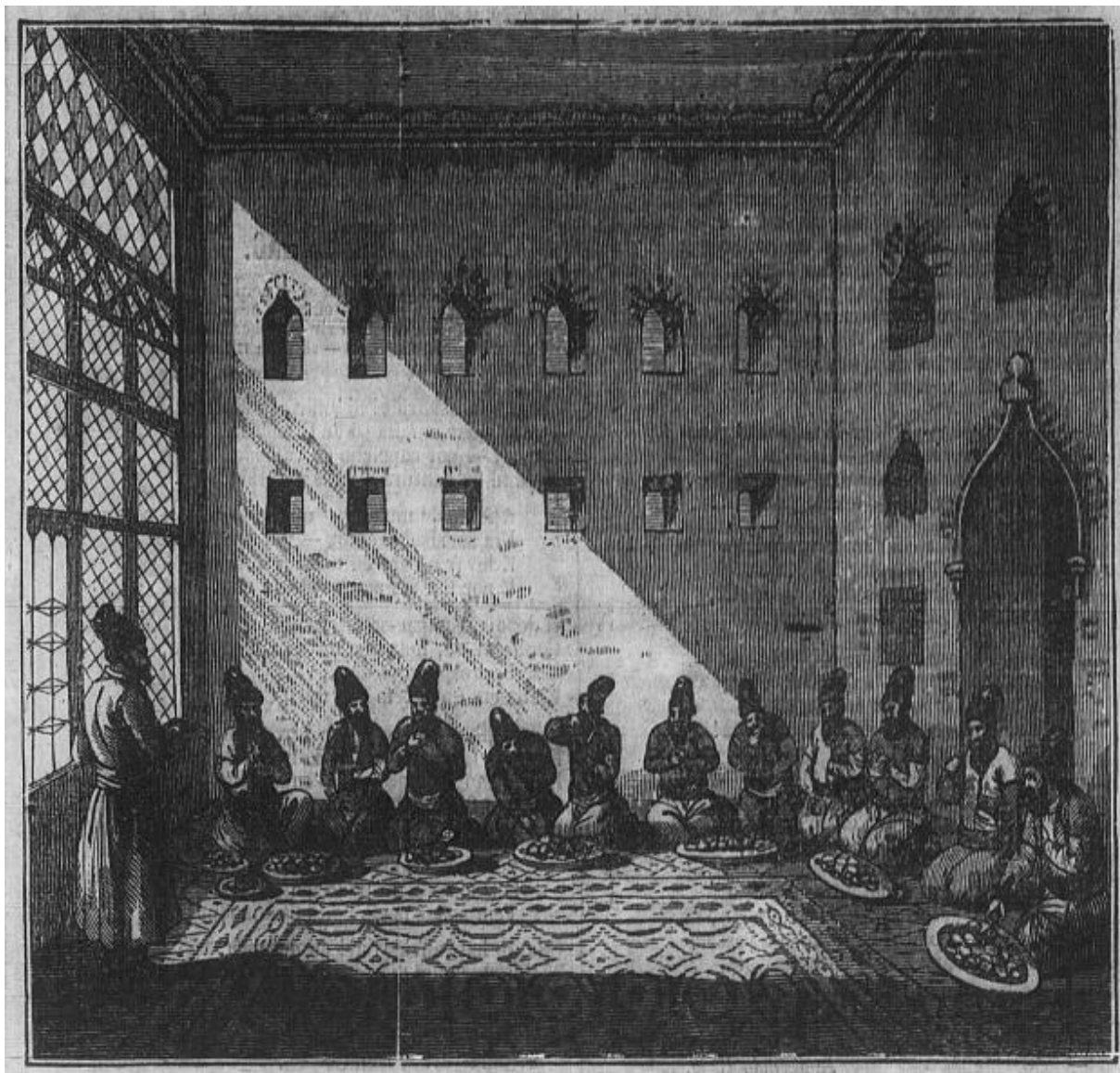
A mão esquerda, que serve para outro mister, nunca apparece na mesa, e seria considerado como uma grosseria imperdoavel o tocar com ella qualquer cousa que vem á mesa. Tratão pois os Persas com o maior cuidado de a esconder durante o jantar; examinando-se a gravura que segue, ver-se-ha que a tem debaixo da túnica, d'onde nunca sahe.

Na Persia não ha copos para bebidas. Servem-se estas em jarros, e dá-se a cada convidado uma colher de páo mui delgada e delicadamente trabalhada que substitue o nosso copo. Ha colheres de differentes capacidades: as que de ordinário servem na mesa podem conter tanto como um calis, ainda que ha algumas que levão mais de meio quartilho.

Quando acaba o jantar, tirão-se os pratos e as toalhas que se dobrão com o maior cuidado, para que não se derramem as migalhas no tapete. Depois voltão os criados com os jarros e bilhas cheios de água morna. Todos os convidados lavão a mão direita sem tirarem a esquerda do seu escondrijo, e enxugão-se com o lenço, e segue-se o café e os *cailliaux*.

O café é tão grosso como o nosso chocolate. O *cailliun* é uma espécie de cachimbo, composto de differentes peças, da cabeça e corpo, garrafa e tubos. A cabeça tem o feitio de uma pera cortada na parte inferior para ficar chata; é oca, guarnecida no interior de terra calcaria cozida, e

furada de cima para baixo: enche-se com pedaços de carvão, e une-se a um tubo direito, fixado em uma garrafa, e cuja extremidade inferior desce quasi até o fundo da mesma garrafa; o gargalo tem um buraco lateral, destinado a receber o tubo para fumar, o qual é fechado hermeticamente por uma rolha de páo ou batoque, collocado no centro do tubo.



JANTAR PERSIANO.

Terminado o café, vierão os dançarinos e os musicos.

Os musicos acocorárão-se em um canto da sala, e principiárão a cantar, acompanhando-se com mandolins, tamboris e guitarras.

Vierão depois os dançarinos: erão jovens, e tinham a cabeça raspada, á excepção de dous tufos de cabellos que lhe cahião sobre as orelhas. Acompanhavam os movimentos com castanhetas de cobre. As dançarinas erão mui formosas, servião-se igualmente de castanhetas de cobre, e cantavam. Tinhão os cabellos trançados, arranjados com muita elegancia, e retidos, á excepção das tranças grandes, por um lenço de garça bordado de ouro. O seu unico vestuario era um delicado *arkalá*, amarrado á cintura com um cordão de seda, cujas pontas cahião para a frente. O calçado do paiz, que mesmo para caminhar é incommodo, não convém á dança; por isso bailão com escaupins e muitas vezes descalças, e como tingem os pés de amarello, desde os dedos até o tornozelo, parece que trazem sapatos côr de laranja.

— 182 —

POESIA.
O SOLITARIO.

Na taça onde cuidou server doçuras,
Libou por mãos da ingrata o fel da morte!!

(JOÃO DE LEMOS.)

No meio de um bosque de flores cercado
Vivia um mancebo, bem joven seria,
Só — isolado, passava o seu tempo,
Das flores cuidando com tanta alegria!

A's vezes choroso cantava canções
Tão bellas, tão ternas, tão cheias de amores,
E logo, tristonho, deixando o cantar
Corria a cuidar sómente das flores!

— Quem n'alma plantou-lhe cruento penar?
Quem fal-o viver assim — isolado?
— Amores sentidos por uma inconstante,
Saudades bem vivas do tempo passado!!
Amado elle tinha com amor verdadeiro

A uma falsaria que amor lhe jurou;
E após, breve tempo, sem dó do infeliz,
Juramento de amor a brisa levou!!

E elle que amava, no sonho illudiu-se
Da crença de amor — engano da vida;
E ella foi outro buscar enganar,
Que essa fôra a crença da tal fementida!

E agora elle crê que apenas um sonho,
— Delirio d'alma — sentiu nesse amor;
Mas ó-lhe o passado tão cheio de vida
Que é doce lebrar-o ainda com dor!

E no meio do bosque de flores cercado
Lá vive o mancebo carpindo os amores,
Que agora — isolado, lembrando o passado
Jura sómente amar suas flores!

S. Christovão, 21 de Abril de 1854.

Innocencio Rego.

O SUSPIRO MENSAGEIRO.

Adeja, adeja, suspiro,
Sem detença ao meu amor,
Vai pintar-lhe minha magoa,
Meu tormento, minha dor!

Pinta-lhe o quanto por elle
Minha alma vive em tristura,
Diz-lhe que afflicto lamento
A cruel sorte perjura:

Mas... se esse ente adorado
Não te quizer receber,
Ligeiro volve, suspiro;
Quero contigo morrer.

M. C. de J. M.

DESENGANO.

Nem ao menos um ai — nem frase ao menos,
Nem um olhar — embora descuidado!...
Sómente um frio rir — d'escarneo cheio,
Sempre fingindo — sempre rofalsado!

(ANDRADA E SILVA.)

Quanto hei soffrido! ai! minha vida!
Nem sequer um dia só de f'licidade!
Louco! — por capricho da vaidade
Tive fé na ventura a mais mentida!

Affecto de mulher — um beijo della,
Um sorriso de amor — um meigo olhar,
E levar o coração nisso a scismar,
E por fim um amor votar a ella!

E depois, romper-se o negro véo,
Conhecer-se, inda que tarde, a fementida,
Morrer a esperança desta vida,
E ella em novo bem ver novo Céu!

E os sonhos d'amor — prazer, tormento?
E o porvir de venturas que raiava?
E a brisa esperançosa que soprava?

Ai, tudo findou n'um só momento!

E a ingrata agora ri, que o desengano
Veio tarde o seu peito enfim mostrar!
E nem de compaixão um só olhar
Tem poder nesse peito deshumano!

Quanto hei soffrido! ai! minha vida!
Nem sequer um dia só de f'licidade!
Louco! — por capricho da vaidade
Tive fé na ventura a mais mentida!!
S. Christovão, Abril de 1854.

Innocencio Rego.

CONFISSÃO.

Anginho, quem te formou
De tanta belleza assim?
Es um ente fabuloso,
Linda Virgem — Seraphim?
Teus olhos um condão
Inspira cantos de amor,
De bella seja o que for,
Es a flor da criação!

Amitié.

Christovão, 18 de Maio de 1854.

— 183 —

CHRONICA DOS SALÕES.

Umas vezes tantas, e outras tão poucas. Ainda sabbado passado eu pulava de alegria pela bella semana que teve o mundo elegante; e hoje eis-me aqui que se acaba, sem que nada

verdadeiramente lhe pudesse dar animação: é verdade que sabbado passado houve o baile do *Cassino Commercial*; mas tão longe está ainda, esta sociedade de gozar as regalias do *bom tom*, que é uma verdadeira profanação o nome de Cassino que tem: havião bastantes moços no baile, mas nenhum *toilette* que se distinguisse, e eu ás onze horas retirei-me bastante aborrecida.

O *mundo dançante* esta semana teve férias, o theatro lyrico tambem; a única novidade que merece especial menção é a da carreira de vapores para S. Christovão e Ponta do Cajú que começou no dia 1.º do corrente. Estes dous bairros do Rio de Janeiro, amaveis e encantadores como elles são, ha muito que sentião essa falta; coube porem ao incansavel Sr. Manoel Teixeira Coimbra, o homem dos vapores, o dotar aos moradores desses logares com esse beneficio tão desejado e tão útil. Mil louvores ao mesmo senhor!

Por um tal motivo houve uma festa popular por esse bairro; a primeira viagem do vapor foi saudada com girandolas de foguetes, e uma banda de musica que se conservou a bordo durante as duas primeiras viagens. Houve grande concurrencia, bastante madamismo, etc., etc..

E que mais hei de dizer na chronica? Que o Exm. Sr. Dr. Chefe de policia libertou, por si e seus amigos, um menino branco que se ia vender para a província de Minas; e que esta caridosa e pia acção inspirou ao Sr. Innocencio Rego, um dos nossos poetas, um bello soneto, que as folhas diárias publicárão?. Mas está me parecendo que não vem muito ao caso na *chronica dos salões* fallar nisso!. Pois então nada mais tenho a dizer por hoje. Domingo fallaremos mais á larga.

Adeus, queridas leitoras, não vos esqueçais da vossa

Francina Oscenia.

Rio, 5 de Junho de 1854.

BOLETIM MUSICAL.

Não foi por preguiçosa, mas sim, por falta de espaço no Jornal das Senhoras, que no domingo passado nada dissemos ácerca de musica; verdade é que tambem no mundo dos *dilettanti* pouca ou nenhuma novidade tem apparecido; comtudo nosso dever é sempre registrarmos nas columnas deste jornal todas as bellas composições que sahem á luz do dia; e não cumprir um tal dever, a que nos impomos, é commetter uma grande falta, pela qual as nossas amáveis e queridas leitoras nos darão sempre um perdão, quando carinhosamente o supplicarmos.

De novidade só temos o *Bouquet das Pianistas* que publicou os seus ns. 5 e 4; este contendo uma linda fantasia, intitulada — *A borboleta*, e aquelle — *os suspiros da minh'alma* — mais uma inspiração poética da imaginação artística do pianista nosso patricio o Sr. Geraldo Horta. Estas publicações vendem-se em casa dos Srs. Rafael & Frion, rua dos ourives. Qualquer destas são mais que lindas, e de bom gosto, e de uma bella execução.

Esta semana publicou-se o n. 4 das *Saudades do Botafogo*, publicação musical, contendo para piano só o quarteto dos Puritanos por Talberg, e vende-se em casa de Phillipone, rua dos Latoeiros.

Tambem publicárão-se umas lindas quadrilhas, compostas pelo artista brasileiro o Sr. Henrique Alves de Mesquita, e offerecidas ao Sr. desembargador Alexandre Siqueira.

Brilhantes e animadoras, estas contradanças merecem uma especial menção pelo gosto que presidiu á sua composição.

Não me consta que mais alguma musica haja sido publicada durante a semana; temos porém ouvido muito pedacinho bello e divino. Ainda uma noite destas gostamos de ouvir tocar piano uma linda menina, que ao muito poderia ter 8 annos de idade, e que com uma facilidade de mestra executava pedaços de operas, que extasiou a seus ouvintes. Esta joven pianista é fluminense.

Ouvimos tambem em outra noite, executada por uma nossa interessante amiga do Cattete, a terna valsa — *A Flor da Esperança*, composição da distincta Mineira a Sra. D. Francisca Pinheiro. Ha uma dolorosa sensação para a alma, um saudoso e terno encanto para o coração ao ouvir-se tocar tão lindíssima valsa.

Foi um verdadeiro sonho de imaginação conceber-se um pensamento assim tão repassado de magia, e decifral-o na musica, na mimosa *Flor da esperança*, que melancolicamente nos vai extasiando.

Tambem ouvimos tocar a *Loureira*, nova schotisch composta pelo Sr. J. P. da Silva, e que vende-se no Liceu Musical, largo do Rocio n. 79. E' uma lindissima musica, e digna de existir na estante das nossas pianistas. Basta por hoje.

Joaninha.

O acolhimento das artes n'um paiz denota bom gosto, e o bom gosto a prova mais inabalavel de civilisação; deste modo sempre que as lindas Sylphides da sociedade sabem acolher e avaliar o bello das harmonias da dança, das melodias do piano cadente e mágico que arrebatam o coração, elevando a alma ás regiões sublimes do idealismo, o entusiasmo dos salões redobra e as luzes dos saraus brilhando como as estrellas do céu americano fazem desaparecer o escuro das locubrações materiaes da vida, e o prazer é certo.

Se pois, apesar do febricitar da dança, o espirito avalia o sublime da arte, os effluvios do talento, que magico arroubo não gosarão todos os espectadores ao contemplarem um brasileiro, a quem os desgostos e as infelicidades têm queimado a vida, a reproduzir no piano de um salão todos os sentimentos da alma, todas as pulsações do coração, embora rapidas como o correr da electricidade; quando virem o talento de um illustre cego passando atravez das muralhas do organismo optico, apparecer á voz poderosa da intelligencia, como o Lazaro rompendo o sudario da morte ao chamado de Jesus, e entoar hymnos de melancolicas saudades, cânticos tão santos como os psalmos do paraíso.

Não hyperbolisamos, não; o talento do nosso amigo Miguel Augusto Furtado de Mendonça tem passado — infelizmente — despercebido como todas as cousas da nossa terra; mas hoje que appellamos para o bello sexo, para esses corações, nos quaes não ha um bater que não seja de bondade, estamos convictos que intercederão em favor do nosso amigo, e que todos os pais de familia procurarão para as suas reuniões um infeliz, que como o cego Homero, troque celestes cantos pelo honorario, sem o qual não é dado existir sobre a terra. Para ellas pois appellamos, e certos do triumpho de suas rogativas lhes tributamos desde já nossos agradecimentos.

Todos os convites serão dirigidos á rua dos Ourives n.º 108, casa do Sr. Saturnino Lopes Pereira Chaves.

Receitas e processos uteis.

LIMPEZA DA BAIXELLA DE PRATA.

Fervão-se em tres quartilhos de água 8 oitavas e 24 *grãos de raspas de pontas de veado* reduzidas a pó subtil, e na vasilha em que estiver ao lume esta decocção, mergulhem-se os objectos que se deseja limpar; poem-se depois a escorrer e a seccar ao calor.

Tirada a baixella, mettem-se na mesma água trapos de lã bem limpos, e deixão-se embeber completamente do liquido. Depois de enxutos servem para polir a prata, e limpar tambem as fechaduras e botões de metal amarello.

Quando os objectos estão de todo seccos, esfregão-se com pelle fina de camurça. — Este methodo de limpeza é muito preferivel ao uso de pós que contém mercúrio, e por isso prejudicão sempre os trastes de prata.

PARA TIRAR NODOAS DOS TECIDOS DE SEDA.

Mel 4 1/4 onças

Sabão escuro . . 5 1/2 onças

Aguardente . . . quartilho e meio.

Misture-se tudo e deixe-se tudo em repouso por trinta horas. — Estenda-se a peça de seda, que se quer limpar, sobre uma mesa bem limpa: molhe-se uma escova macia naquella composição, e escove-se ao comprido e atravez, mas sempre a direito. Tendo á mão dous baldes de agua fresca (a melhor é a de poço) mergulhe-se a seda n'um e depois no outro suecessivamente e sem a torcer, e estenda-se a enxugar.

CHARADA.

A' minha particular amiga a Exm.^a Sra.

Dona M. L. M. P.

Tantos annos d'ausencia e de saudade
Contou d'Ulysses a extremosa esposa:
Ah! triste! Que sem filho e sem consorte,
Passavas vida amarga e bem penosa!

Desfarte pretendia astuta deusa
Obter este guerreiro adestro e forte:
Bem haja elle, que, dando em seus ardis,
Antes quiz sujeitar-se á dura morte.

Emquanto este héroe
Assim procedia,
A misera esposa
Não menos fazia:
Pois que assim olhou
Aquelles que a amavão
E que á sua mão
Com anciã aspiravão.

(Pela Exm. Sra. Dona S. J. R. F.)

A charada do n.º 22 é: *Belizario*.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.